



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

E quando as performances afro-brasileiras tomam o Centro Histórico?

Autoria: Eliene Nunes Macedo (UEG - Universidade Estadual de Goiás)

Esta comunicação pretende contribuir com reflexões acerca das dimensões performativas e imateriais da cultura, colocando no centro da roda, as performances afro-brasileiras da cidade de Goiás (GO). Objetiva-se compreender a articulação entre performances culturais afro-brasileiras, relações étnico-raciais e os múltiplos processos de patrimonialização e de manifestações expressivas que se dão no centro histórico. A cidade obteve o título de Patrimônio da Humanidade, pela UNESCO, em 2001, devido à conservação da arquitetura e malha urbana e sua história de ocupação e colonização ocorridos nos séculos XVIII e XIX. Atualmente, Goiás testemunha o surgimento de outras práticas culturais, que estabelecem conexões com o contexto da descolonialidade e acionam o título para tencionar, questionar, refletir sobre o patrimônio institucionalizado, assim como reivindicar o reconhecimento dos seus patrimônios culturais, constituídos por formas expressivas, saberes, ofícios e celebrações, tais como: Afoxé Ayó Delê, Congo e bloco Pilão de Prata. Nesse



sentido, a estratégia dos grupos afro-brasileiros, moradores dos bairros periféricos, tem sido a ocupação performativa do centro histórico, por meio das dimensões expressivas e imateriais da cultura, solapando por meio de fissuras e deslocamentos a visão de mundo colonial e fomentando reflexões críticas no campo do patrimônio. Sendo assim, colocam as narrativas e as ações patrimoniais como campos em disputa, nos quais se criam e recriam continuamente um conjunto de valores, de relações sociais, de significados sobre o passado, sua ancestralidade, o presente e a construção do futuro. Analisaremos como alguns grupos afro-brasileiros colocam em xeque as narrativas oficiais, das quais são excluídos, reivindicando, por meio da ocupação performativa dos lugares patrimoniais do centro histórico, o reconhecimento por parte da humanidade?, dos seus saberes, do work, das diversas contribuições do povo negro, na construção material e simbólica da cidade patrimonializada.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: